



GIGANTES DO SAMBA E ESTUDANTES DE SÃO JOSÉ: A BATALHA DO SAMBA NA PASSARELA DO CARNAVAL RECIFENSE (1955-1972).

Augusto Neves da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como as escolas de samba Estudantes de São José e Gigantes do Samba construíram seus desfiles entre os anos de 1955 e 1972. As escolas de samba durante esses anos foram compreendidas por parcela consistente da intelectualidade recifense como uma prática que estava associada ao Rio de Janeiro e por isso, de acordo com os membros da intelectualidade local, deveriam ser extirpadas do carnaval da cidade. No entanto, mesmo diante daquele cenário de condenação os sambistas reagiram, criaram estratégias, teceram táticas e driblaram os problemas que lhes apareciam. Assim, escolhi para esse texto as experiências dos sambistas que construíram os desfiles de Estudantes de São José e Gigantes do Samba, por serem essas as principais agremiações do samba recifense, de acordo com as matérias de jornais que circulavam na época, durante o recorte temporal da pesquisa.

Palavras-chaves: Carnaval em Recife – Escolas de Samba - Gigantes do Samba – Estudantes de São José.

ABSTRACT

This study aims to analyze how the samba schools students of St. Joseph and the Giants built their Samba parades between the years 1955 and 1972. The samba schools during those years were consistently understood by the intellectual portion of Recife as a practice that was associated with Rio de Janeiro and therefore, according to members of the local intelligentsia, should be cut off from the town carnival. However, even with the conviction that scenario reacted samba created strategies, tactics and wove them steer clear of trouble appeared. So I chose this text to the experiences of those who built samba parades Students of San Jose Giants and Samba, for these are the main associations of samba Recife, according to news stories that were circulating at the time, during the time frame the research.

Keywords: Carnival in Recife - School of Samba - Samba Giants - Students of St. Joseph

INTRODUÇÃO

¹ Possui Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2011), na mesma instituição concluiu o Bacharelado (2009) e a Licenciatura Plena (2007) também em História. Atualmente é pesquisador do grupo de Pesquisas do CNPq, Culturas Populares: novos desafios, vinculado a Fundação Joaquim Nabuco. É professor do curso de Licenciatura em História da EAD/UFRPE e da Faculdade Anglo Líder, e do Ensino Médio do Colégio Luiza Cora. augustonev@gmail.com





Neste artigo pretendo demonstrar os conflitos e as tensões em torno das escolas de samba Estudantes de São José e Gigantes do Samba no Recife. Analisar como essas práticas culturais construíram seus desfiles nestes anos (1955-1972). Vale salientar que durante o recorte temporal da pesquisa pude compreender que praticamente todos os que escreveram a respeito dos começos das escolas de samba na capital pernambucana, os associavam como um fenômeno transposto do Rio de Janeiro. Em raros momentos o leitor encontrará uma discussão das escolas de samba como construção de homens e mulheres inseridos em uma sociedade, na qual buscavam espaços e poder.

As escolas de samba em ‘terras pernambucanas’ foram compreendidas por parcela significativa dos intelectuais como uma prática associada ao Rio de Janeiro. E dessa forma, retiravam a possibilidade de interpretá-las como uma manifestação repleta de significados por aqueles que a faziam. Não era posta a idéia de entender as escolas de samba como parte das estratégias dos sambistas em meio a uma complexa rede de sociabilidades, “nas quais outras práticas estavam presentes como forma de compor esse jogo tático que é viver em uma sociedade marcada pelo olhar da alteridade, do outro e do indiferente”.²

Procurou interpretar o que estava em jogo para que ocorressem as disputas pela primazia do samba na capital pernambucana, buscando discutir, qual a importância de ser nomeada a ‘primeira’ escola de samba do Estado? Os sambistas lutavam por espaços numa sociedade marcada pela valorização do tradicional, e dessa forma, podem-se compreender essas disputas como a tentativa de almejar um lugar no conjunto da tradição carnavalesca local. Os construtores de samba, mesmo combatidos, movimentaram-se para assegurar a permanência de sua prática nos festejos momescos da cidade.

Durante o recorte temporal da pesquisa (1955 -1972) os jornais da cidade estavam repletos de matérias a respeito das disputas pelo título de campeã do carnaval, entre as escolas Estudantes de São José e Gigantes do Samba. Essas agremiações travavam ‘verdadeiras batalhas’ na passarela pela hegemonia do samba em Recife. Por meio do conhecimento dessas histórias posso visualizar táticas e estratégias de sambistas para resistirem naquele cenário de condenação. Pois, mesmo diante do discurso intelectual de uma identidade carnavalesca pernambucana contrária a essa manifestação na cidade, os sambistas reagiam e tornavam a sua prática, segundo as matérias dos jornais, como umas das maiores atrações dos festejos de momo recifense.

² LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo história.** Recife, 1930-1945. Recife: Bagaço, p. 28, 2008.



NA GINGA DO SAMBA

Inúmeras escolas de samba participavam dos desfiles carnavalescos desses anos (1955-1972), entretanto nenhuma, segundo as matérias dos jornais, atraía tanto a atenção do público como Estudantes de São José e Gigantes do Samba. Essas eram as maiores rivais, travavam táticas e estratégias para alcançarem o tão desejado ‘título de campeã do carnaval recifense’. Na ‘guerra’ do samba tudo valia, desde guardarem a ‘sete chaves’ como a escola viria à avenida ou até mesmo evocar as forças do Xangô³ ou da Umbanda para vencer a concorrente.

NA GUERRA DO SAMBA VALE TUDO: MACUMBA, SUOR, CHORO E RITMO.

Na guerra do samba, vale tudo: macumba, com despacho e tudo: prestígio político e participação com sacrifício de cada um de seus componentes. Em Pernambuco, o samba também é quente. O título de campeã, sempre foi disputado por Estudantes e Gigantes. Este ano a conversa é outra, porque Limonil e Império do Asfalto estão com vontade de acabar com esse privilégio.⁴

Durante esses anos (1955 – 1972) as escolas campeãs do Grupo de Primeira Categoria foram a Gigantes do Samba e a Estudantes de São José, entretanto, outras de suas congêneres em alguns anos ensaiaram ‘quebrar’ essa bipolaridade, entre elas a Limonil, a Império do Asfalto, a Duvidosas do Samba, a Império do Samba e a Unidos de Massangana. No entanto, nenhuma delas conseguiu, de fato, ameaçar a hegemonia das ‘grandes rivais’, Estudantes e Gigantes.

Ano após ano os jornais no período do carnaval estavam repletos de matérias com histórias ‘saborosas’ sobre esses conflitos. Como viria para a passarela Gigantes do Samba? Quais as ‘armas’ de Estudantes de São José para conquistar o título? Será que esse ano teremos alguma escola que irá quebrar a ‘tradicional’ disputa? Pela pesquisa pude interpretar que essas eram as principais perguntas que moviam, nesse período, os membros da imprensa que realizavam a cobertura jornalística do desfile das escolas de samba.

ESCOLAS FORAM DONAS DA NOITE

As Escolas de Samba foram praticamente as <donas> do desfile na segunda-feira de carnaval, tendo como ponto de destaque a tradicional

³ Em Recife uma série de costumes e práticas associadas aos negros, foram denominadas de Xangô ou mesmo Catimbó, e que hoje é conhecido como religião dos orixás, bem como também das entidades da Jurema. Sobre isso ver: GUILLEN, Isabel. C. M. Catimbó: saberes e práticas em circulação no Nordeste dos anos de 1930-1940, In: *Cultura Afro descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós*. LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Recife: Bagaço, p. 209, 2007.

⁴ Na Guerra do Samba vale tudo: macumba, suor, choro e ritmo. *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1972, p. 08, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.



<guerra> entre a Estudantes de São José e a Gigantes do Samba. [...] O fato é que, da rivalidade entre as nossas duas maiores escolas de samba, tem surgido o aprimoramento de suas apresentações com vantagem para o sucesso do próprio carnaval pernambucano.⁵

Em meio as suas disputas pelo título de campeã do carnaval, as escolas Estudantes de São José e Gigantes do Samba, ampliavam, readaptavam, teciam, construía novas estratégias para saírem vitoriosas nesse jogo tático da competição. E essas manobras foram, de certa forma, as responsáveis pela ‘grandiosidade’ e aprimoramento do espetáculo de suas próprias apresentações. A manutenção ano a ano dessa rivalidade era o fator responsável pela própria vitalidade dos seus desfiles.

As histórias dos desfiles de Estudantes de São José e Gigantes do Samba desenham o fio condutor das análises deste artigo. Alguns enredos, personagens, conflitos e táticas na disputa pelo título de campeã do carnaval serão trazidos à baila. Para os sambistas a preparação de um desfile começa quase instantaneamente assim que o outro termina. Ao longo do ano o tema do enredo transforma-se em alegorias, fantasias e samba enredo, “cada elo desse processo coloca em cena não só formas distintas de expressão artística como grupos sociais muito diferenciados entre si”.⁶

Por meio dos seus desfiles as escolas de samba estabeleciam uma competição em que rivalizavam entre si, por meio de regras reafirmadas consensualmente ano a ano. E esse mecanismo ritualístico competitivo garantiu aos desfiles a sua vitalidade artística e social que se revelava anualmente. Sobre isso a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti sinalizou:

Como toda competição, o desfile revela com clareza a ambivalência intrínseca à reciprocidade social: relacionar-se é também confrontar-se. Por meio de uma sofisticada forma estética e ritual, o desfile das escolas de samba articula de modo próprio esse princípio social geral. A natureza festiva e agonística do confronto entre as escolas, realizando através da encenação anual dos enredos, define a natureza própria do desfile como ritual carnavalesco.⁷

Ao atentar para o processo ritualístico do qual faziam (faz) parte as escolas de samba recifenses, ressalto que não o entendo como um fenômeno ‘estático e repetitivo’, mas como resultado da sua capacidade de absorção e expressão dos conflitos sociais e culturais da própria cidade. E como bem salientou a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro

⁵ Escolas foram donas da noite. *Jornal do Commercio*, 24 de fevereiro de 1966, p. 03. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

⁶ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 23, 2008.

⁷ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 31, 2008.





Cavalcanti “compreendê-lo é, ao mesmo tempo, compreender a cidade que o realiza, as tensões que a constituem e nela se desenvolvem”.⁸

Procuro compreender o ritual não como uma relíquia do passado, mas problematizado, atentando para as relações que nele se desenvolviam, observá-lo como um processo passível de ser readaptado e recriado para um novo fim. Assim sendo, partilho das colocações da historiadora Isabel Guillen quando destacou que “é preciso considerar as mudanças históricas, ou seja, não tomar os rituais como se fossem sempre os mesmos, cuidando para não estabelecer dessa forma um contínuo temporal, cronológico. Sem que, não obstante, se perca sua dimensão histórica”.⁹

SAMBA DE MORRO: “SOU EU O VELHO GIGANTES”

“Sou eu e você não sabia, eu vivo no morro onde o samba está, confesso que o samba chama, sou Gigantes, sou eu que vocês ouviram falar”¹⁰.

A escola Gigantes do Samba é uma das mais antigas agremiações carnavalescas da capital pernambucana, desde os anos de 1950 figura entre as primeiras posições na disputa do título de campeã do carnaval recifense. Gigantes do Samba é do bairro de Água Fria, no Recife, os seus membros construíram a história dessa escola a associando ao morro. Morro entendido como o lugar do samba, composto de gente ‘simples’, mas que se dedicava ao carnaval com garra e amava aquilo que fazia, ou seja, o samba.

Pela pesquisa nos jornais pude compreender que antes do nome Gigantes do Samba (1941), essa escola era denominada de ‘Garotos do Céu’. Os jornais nomeavam pouco os sujeitos que construíam as histórias dessa escola, entre os principais nomes que figuravam nesses anos, tem-se: o mestre de bateria Lavanca, a cabrocha Ana e o de Biu da Guarda. Talvez, esses sambistas ‘pioneiros’ de Gigantes do Samba não imaginassem que aquele pequeno grupo, pudesse tornar-se uma das maiores representantes do samba no Estado.

⁸ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 26, 2008.

⁹ GUILLEN, Isabel C. M. Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus-nação de Recife, In: *Cultura Afro-descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós*. LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Recife: Bagaço, p. 182, 2007.

¹⁰ Hino da Escola Gigantes do Samba, rememorado numa entrevista cedida pelo sambista Antônio José de Santana, mais conhecido como Belo-X, em 26 de novembro de 2010.

E que chegou a travar nos anos de 1960 ‘batalhas’ fabulosas com sua congênere Estudantes de São José.

Os sambistas de Gigantes, muitos deles anônimos, esperavam o ano todo pela oportunidade de vestir a fantasia nos dias de momo e serem saudados e admirados na passarela. Era o ‘povo’ que descia do morro para triunfar no asfalto durante o período do carnaval. Uma multidão de pessoas invisualizadas o ano todo, mas que nos dias de folia tornavam-se protagonistas de parte da história da cidade do Recife.



Carnaval de 1955. Apresentação da escola de samba Gigantes do Samba no palanque da Praça da Independência. Acervo Fotográfico do Museu da Cidade do Recife – MCR. Localização: 07328. Fotógrafo: N/I.

Pela análise da imagem, posso interpretar que as escolas de samba desfilavam pela manhã. A fotografia representa a apresentação de Gigantes do Samba no alambrado, montado na Praça do Diário, centro do Recife. Com a leitura dos jornais tomei conhecimento que a escola Gigantes do Samba desfilou pela manhã até o ano de 1953¹¹. É interessante ressaltar que nas minhas conversas com alguns sambistas, eles me relataram que ‘lutaram’ muito para transferir o horário da apresentação das escolas. Segundo o sambista José Bonifácio Dias dos Santos, ‘a segunda-feira era um dia morto, e depois que as escolas passaram a desfilarem nesse dia a noite, tornou-se o grande dia dos desfiles no período do carnaval’¹².

¹¹ Gigantes tem baile de Gala. Jornal do Commercio, 06 de fevereiro de 1966, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹² Depoimento cedido pelo senhor José Bonifácio Dias dos Santos.

SAMBISTAS DESCERAM DO MORRO PARA SAUDAR VITÓRIA DE GIGANTES

Gigante do Samba, arrebatou com muita categoria o título de Estudantes de São José, já bicampeão em 70. Do Alto do Pascoal, em Água Fria, para os sambistas desceram, ontem à tarde, tendo à frente o líder da agremiação e iniciador do samba em Pernambuco, o conhecido 'Lavanca', carregando uma euforia comum dos campeões. Muito dinheiro se gastou e a população concentrada na Dantas Barreto vibrou ao ver a novidade lançada pela Escola Gigantes do Samba que, desenvolvendo um batuque ao ritmo de Portela do Rio de Janeiro, apresentou, ainda uma ala de ripinicaadores composta de 19 figuras encarregada de fazer a segunda marcação. [...] A bateria de Gigante do Samba com 135 instrumentos ritmava o samba real, dos morros cariocas, embora a Estudantes de São José conserva o seu batuque original ao modo pernambucano com 125 figuras.¹³

Uma das peculiaridades de Gigantes do Samba nesses anos (1955-1972) foi a sua bateria. De acordo com a pesquisa que realizei pude interpretar que nessa escola havia a presença de instrumentos de sopro em sua bateria. No entanto, durante os anos de 1960, um movimento dentro da agremiação procurou construir a musicalidade e sonoridade da sua bateria semelhante ao que era feito nas escolas de samba do Rio de Janeiro, ou seja, sem instrumentos de sopro, só com os de percussão. E uma das figuras que os jornais apontam como o principal responsável por esse processo foi o mestre de bateria Lavanca. Essa personagem constitui-se como uma das mais importantes dentro do cenário de Gigantes do Samba, a ele é atribuída a adequação dessa escola a um padrão de desfile semelhante ao que era praticado por suas congêneres cariocas.

GIGANTES PRESTA HOMENAGEM AO DIÁRIO DE PERNAMBUCO

A 'Bateria', um dos pontos fortíssimos da escola e que representa o ponto alto de sua apresentação desfilará todos os instrumentos novos. Também os elementos da 'bateria' foram ao Rio de Janeiro para fazer estágios e manter contatos com os mistérios da cuica, do a-go-go, tarol, surdo, bombo e dos pratos. O Recife – afirmara – será sacudido pelo samba.¹⁴

Quando perguntei a alguns sambistas qual era o grande destaque da escola Gigantes do Samba nesses anos, todos foram unânimes em me afirmar que era a sua bateria, comandada pelo mestre Lavanca. Na minha pesquisa encontrei posicionamentos diferentes e contraditórios a respeito dessa personagem de Gigantes do Samba. Para seu Dilermando José do Nascimento "Lavanca era uma pessoa rude, rígida. Trabalhava coma bateria com muita rigidez, ele era a autoridade na bateria". Já quando entrevistei o jornalista Valdi Coutinho tive uma representação diferente, sobre o mestre de bateria ele aludiu:

¹³ Sambistas desceram do morro para saudar vitória de Gigantes. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 01, II Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁴ Gigantes presta homenagem ao Diário de Pernambuco. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1972, p. 12, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.



“Mestre Lavanca um dos maiores mestres de bateria, inconfundível, com estilo, com uma personalidade, com carisma incrível. Lavanca tinha um estilo pessoal de comandar a bateria, de ser uma espécie de maestro que encantava toda vez que Gigantes passava, ele foi o mais famoso e carismático mestre de bateria que conheci”.

A leitura dos jornais sinalizou que Lavanca foi construído em suas trajetórias como o ‘inovador’ do samba pernambucano. Era atribuído a ele a introdução do ‘tarol e do apito na bateria das escolas de samba’. Lavanca por defender o samba em Recife foi combatido por personalidades relevantes da capital pernambucana, como o jornalista Mário Melo e o compositor Nelson Ferreira. No ano de 1972 Lavanca não comandou a bateria de Gigantes por afirmar-se ‘cansado’, fato comentado pelos jornais. No entanto, muitos sambistas de Gigantes retiraram-se da bateria nesse ano pela ausência de seu mestre. O que demonstrava a força que esse sujeito exercia nessa escola.

AUSÊNCIA DE ‘LAVANCA’ NÃO IMPEDIRÁ SAÍDA DE GIGANTE

INOVADORA: Segundo uma dos componentes da bateria, a escola ‘Gigantes do Samba’ foi a que mais inovou o carnaval pernambucano, na sua especialidade. Foi o velho ‘Lavanca’ – hoje com 56 anos e dizendo-se cansado para o carnaval – quem introduziu o uso do tarol nas escolas de samba de Pernambuco e utilizou, também, o apito pela primeira vez, para reger os movimentos da bateria. Por essa iniciativa, o famoso ‘Lavanca’ recebeu muitos ataques. Era acusado de querer deturpar o carnaval pernambucano, dando maior ênfase ao samba, quando o nosso frevo era que deveria ser prestigiado. O próprio ‘Lavanca’ afirma dois dos seus maiores acusadores foram o jornalista Mário Melo e o maestro Nelson Ferreira que na época se iniciavam nos segredos do carnaval.¹⁵

RETIRADA: Pessoas ligadas à agremiação disseram que alguns bateristas desgostosos com a ausência de ‘Lavanca’ – o grande inovador do samba em Pernambuco – já estão pedindo ‘baixa’ da escola. Eles afirmam que sem o mestre, Gigantes não terá a mesma força e poderá ser facilmente superada por outras escolas. Apesar disso, a diretoria da escola já se prepara para arranjar novos elementos, a fim de que a bateria não seja prejudicada. Alguns músicos da Bomba do Hemetério já foram convocados. A bateria de Gigantes deverá desfilar com mais de oitenta homens.¹⁶

Os anos passavam e as escolas de samba iam cada vez mais ganhando atratividade, popularidade e atraindo mais e mais foliões para suas apresentações. De agremiações ‘condenadas’ desde o final dos anos de 1940, as escolas de samba passaram a ser ‘louvadas’ pelas matérias de jornais em finais da década de 1960. No entanto, quero destacar que esse feito não foi um processo fruto da ‘boa vontade’ dos jornalistas, mas das ações, do

¹⁵ Ausência de Lavanca não impedirá saída de Gigantes. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1972, p. 06, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁶ Ausência de Lavanca não impedirá saída de Gigantes. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1972, p. 06, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

movimento dos sambistas, que souberam ousar, recriar e readaptar as situações de conflitos que lhes apresentavam-se no cotidiano.

SAMBA GANHOU MAIS PONTOS

O samba ganhou mais pontos no carnaval de 1968. As escolas, desde as pequenas até as de primeira classe, capricharam em suas apresentações e, mesmo as modestas mostraram bom gosto em suas fantasias. Os malabaristas foram o ponto alto, extasiando o público com seus passos, acompanhados das gingas das morenas, numa demonstração de que o pernambucano aprendeu, de maneira impressionante, o samba. A ala de passistas do Gigante do Samba impressionou, particularmente. O grande contraste notado com as agremiações do frevo foi justamente, em relação a apatia dos participantes destas. Agremiações como Pão Duro, por exemplo, chegaram a decepcionar pelas condições de suas fantasias, muito especialmente traje de orquestra. O público notou a compenetração dos integrantes das escolas de samba, que levaram suas apresentações com muita seriedade. Este detalhe, por sinal, foi a grande vantagem de Gigantes do Samba, cuja fantasia estava, em luxo, inferior à de Estudantes, mas em termos de apresentação e imaginação quanto ao tema, ganhou longe. Além disso, Gigante do Samba tinha, inclusive torcida organizada, que vibrou por ocasião do seu desfile perante a Comissão Organizadora do Carnaval. É, ainda, uma prova de que as escolas, aos poucos, estão ganhando a preferência dos apreciadores dos desfiles. Apenas clubes como as Pás e Lavadeiras de Areias demonstraram capacidade de criação e grande empenho de seus dirigentes. Outro fator interessante é que as escolas de samba reclamam menos da falta de condições financeiras.¹⁷

De acordo com a matéria acima ‘as escolas de samba, aos poucos, estão ganhando a preferência dos apreciadores dos desfiles’, era o reconhecimento por parte da imprensa que essas manifestações culturais não ‘deturpavam’ os festejos de momo recifense, mas contribuíam para o seu engrandecimento. Mais uma vez é necessário reconhecer que esse deslocamento de opinião, em relação as escolas de samba, foi desdobramento das ações de muitos sambistas, que ‘se dedicavam com seriedade’ a apresentação de sua agremiação na passarela e que resultava num fascínio por parte dos súditos de momo.

Uma peculiaridade dos sambistas de Gigantes do Samba e que ‘marcariam’ algumas das suas diferenças em relação ao desfile de suas congêneres cariocas, era a ala de malabaristas. Que era formada por um grupo de homens, que na ginga do samba representavam na passarela uma espécie de pirâmide humana e provocava fascínio entre os foliões. Segundo algumas matérias dos jornais ‘Os malabaristas eram um ‘show’ a parte e com seus passos de samba extasiavam o público presente’.¹⁸ O responsável pela introdução

¹⁷ O Samba ganhou mais pontos. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 16. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁸ Samba ganhou mais pontos. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 16. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

dessa ala em Gigantes do Samba foi o sambista Sebastião da Silva, conhecido como ‘Boneco de mola’.¹⁹



Estudantes mostra porque foi campeã. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 10, 2ª. Edição. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

Os sambistas de Gigantes não aceitavam a ‘condenação de parcela da intelectualidade’, procuraram romper com a condição imposta de ‘alienígenas da folia’ e para isso aproximavam-se de personalidades políticas e intelectuais, compunham sambas e propunham enredos com o intuito de homenagear figuras importantes da cidade. E dessa forma ‘driblavam’ a situação de excluídos e alcançavam visibilidade e legitimidade no cenário da capital pernambucana. Bem como também, estabeleciam contratos com empresas privadas para patrocinarem seus ensaios e apresentações durante o carnaval. Na leitura dos jornais pude identificar que no final dos anos de 1960 e início da década de 1970, Gigantes do samba, tinha contrato com as Lojas Cláudia e a Indústria de Tecidos Paulista.²⁰

GIGANTES RECEBEU

A Diretoria da Escola Gigantes do Samba, substituiu, quinta-feira última, o seu ensaio semanal por uma recepção oferecida a autoridades, próceres carnavalescos, jornalistas e admiradores. Esta – segundo frisaram alguns

¹⁹ Bonecos de Mola querem revolucionar o samba em Pernambuco. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1971, III caderno, p.01. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²⁰ Gigantes se inspirou na exaltação do samba. *Jornal do Commercio*, 03 de fevereiro de 1967, p. 04. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.



oradores – foi a primeira promoção social da agremiação e que reuniu gente de alto gabarito. A coisa está clareando para os lados de Gigante, como diria o famoso Jamelão, pois a moçada do Morro está compreendendo <<que os tempos estão mudando>>. Paulo Viana.²¹

Pois é estimado leitor esses foram alguns indícios dos mecanismos que possibilitaram aos sambistas de Gigantes do Samba resistirem aquele cenário de condenação por parcela dos intelectuais. Esses homens e essas mulheres ‘simples’ agiam para modificarem a situação de excluídos da folia que lhes era apresentada. Mesmo em meio à condenação, as escolas de samba durante os anos de 1970 tornaram-se as grandes atrações dos alegres dias de momo da capital pernambucana.

ESTUDANTES DE SÃO JOSÉ: OS BAMBAS DA FOLIA

“Você me chamou de carne fraca, mas agora que eu me levantei, você anda chorando por aí, vou gargalhando pois vou ver você cair, você bem sabe a parada como é que é, quando se fala na Estudantes de São José, quem é bamba no samba, sempre dar o que falar, vá carregando o seu balaio de azar”²².

A Escola de Samba Estudantes de São José tem sua fundação datada em 1949. Segundo relataram-me alguns sambistas, foi numa tarde debaixo do calor do sol recifense, que um grupo de rapazes decidiram criar a agremiação para sair nos dias de momo. Entretanto, sem o objetivo inicial de competir pelo título de campeã do carnaval. Vale ressaltar que o bairro de São José, localizado no centro da cidade do Recife, nesses anos (1955 – 1972), era conhecido pelo relevante número de grupos carnavalescos que possuía.

No entanto, já no primeiro ano que Estudantes de São José disputou o título da ‘Primeira Categoria’ (1959) foi a campeã do carnaval da cidade. Em entrevista com alguns sambistas pude interpretar que, enquanto a principal ‘arma’ de Gigantes do Samba era sua bateria, em Estudantes uma das ‘marcas’ mais fortes dessa escola era o luxo de suas fantasias e alegorias. Pela pesquisa com os jornais, os principais nomes que aparecem ligados a Estudantes de São José e responsáveis por esse processo foram Waldeck Melo, Valdécio Melo e Zezinho do Trombone.

²¹ Gigantes do Samba recebeu. *Diário da Noite*, 12 de fevereiro de 1966, p. 04. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²² Música composta pelos sambistas de Estudantes de São José em resposta a uma ofensa feita pelos membros de Gigantes do Samba, lembrada por Antônio José de Santana, mais conhecido como Belo-X. Entrevista cedida em 26 de novembro de 2010.



TÍTULOS

A escola de samba Estudantes de São José foi fundada em 1949 por um grupo de rapazes do bairro que lhe deu o nome, com o fim de abrilhantar suas festas. Com o crescimento da Escola, seus sócios decidiram pela sua filiação a Federação Carnavalesca, passando, então a participar dos desfiles no tríduo momesco. Até o momento, a Estudantes já conquistou seis campeonatos e mais de 20 troféus, apresentando-se, também, nas cidades de Campina Grande, João Pessoa e Natal.²³

O luxo das fantasias e alegorias de Estudantes de São José não eram aleatórios, os sambistas que representavam essa escola ousaram, foram em busca dos diferentes mecanismos que possibilitassem a sua agremiação essa peculiaridade, bem como o título de campeã do carnaval. Os construtores de samba andavam pelas ruas com o ‘livro de ouro’ procurando arrecadarem junto aos comerciantes verbas para que sua escola pudesse sair nos dias de folia e custear os altos gastos com a produção do desfile.

Um fator relevante que ocorria em Estudantes de São José era que os seus diretores estabeleciam contrato com empresas privadas da região metropolitana do Recife para patrocinarem seus desfiles e ensaios. Entre essas empresas pude identificar, na leitura dos jornais, que no carnaval de 1965 a Delta S/A patrocinava a escola.²⁴ Vale destacar que os ensaios dessa escola antes do carnaval, atraíam centenas de foliões, que durante a apresentação da agremiação recebiam presentes das empresas envolvidas com a escola.²⁵

Durante os anos de 1960, a Estudantes de São José ensaiava no Teatro do Parque, localizado na Rua do Hospício, centro do Recife. Nesse evento, de acordo com os jornais, chegavam a participar mais de 300 pessoas que se deslocavam de suas residências para prestigiarem a apresentação do samba, no período de preparação para os desfiles de carnaval.²⁶

No ano de 1964, os jornais noticiavam que a Estudantes de São José não iria desfilar, em virtude da construção de sua sede, e no ano posterior para marcar a volta dessa escola para os desfiles oficiais, os sambistas de Estudantes criaram a ‘Noite do Samba’. Um evento que era realizado no ‘Pátio do Terço’, localizado no centro do Recife, espaço ‘tradicional’ da manifestação das práticas associadas aos negros nesta cidade. Durante sua realização, a ‘Noite do Samba’ atraía milhares de pessoas que iam prestigiar o samba na capital pernambucana.

²³ Estudantes de São José que o Bi-campeonato. *Jornal do Commercio*, 09 de fevereiro de 1966, p. 08. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²⁴ Samba no pátio do terço. *Diário da Noite*, 09 de janeiro de 1965, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²⁵ Folia de 1965 vai começar amanhã no Bairro de São José. *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1965, p. 01. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²⁶ Ensaios. *Diário da Noite*, 06 de janeiro de 1965, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.



Além da contribuição dos seus sócios, as escolas de samba realizavam durante o ano todo ‘tocatas’ em diversos clubes sociais da cidade, com o objetivo de angariarem recursos para custearem as despesas com a preparação e organização do carnaval. Bem como também, alugavam suas ‘quadras’ para realização dos mais variados tipos de eventos. E assim conseguiam os recursos ‘necessários’ para ‘colocarem a escola na avenida’.

ESTUDANTES DE SÃO JOSÉ GASTARÁ DEZ MILHÕES NO CARNAVAL DESTES ANOS.

Não fossem as contribuições de associados e o resultado financeiro das exibições que fazemos durante todo o ano não seria possível proporcionar aos recifenses as apresentações a que nos acostumamos – prosseguiu o Sr. Irak Santos. Acrescentou que este ano Estudantes de São José receberá uma quota de 160 mil cruzeiros, da Federação Carnavalesca. O mestre sala Irak acredita que sua escola este ano voltará a ser campeã.²⁷

A bateria de Estudantes de São José era outro diferencial dessa escola em relação as suas coirmãs do samba. Enquanto, durante os anos de 1960, os sambistas de Gigantes procuravam construir um samba semelhante ao que era praticado pelas escolas do Rio de Janeiro, em Estudantes ‘permanecia’, até início dos anos de 1970, um estilo marcado pelos instrumentos de sopro. Zezinho com seu Trombone, ‘transformava qualquer música em samba’,²⁸ e assim Estudantes ia se contrapondo ao formato de desfile das suas congêneres cariocas. Entretanto, além dos instrumentos de sopro a bateria dessa escola passou a utilizar guitarras em suas apresentações.

SAMBA DE ‘ESTUDANTES’ TEM 120 BATUQUEIROS ESTES ANOS

Com uma bateria composta de 120 homens e uma ala jovem formando o cordão, a Escola de Samba Estudantes de São José espera acontecer no carnaval e bater suas concorrentes. A seu favor estão três firmas importantes da Capital, que dão ajuda financeira para a compra de fantasias e ainda, as ‘tocadas’ realizadas em clubes garantem o numerário necessário para os preparativos. Todo o seu enredo está ligado à História e somente oito dias antes da apresentação será revelado ao público durante um coquetel oferecido à Imprensa.²⁹

‘ESTUDANTES DO SAMBA’ ENTRA DE GUITARRA E XANGÔ NA PASSARELA.

Estudantes de São José, umas das mais famosas escolas de samba do Nordeste, está em ponto-de-bala para o grande desfile da segunda-feira de carnaval. [...] São 9 horas da noite. Eles estão reunidos em sua sede, à Rua da Concórdia, 890. A bateria – o ponto alto da Escola para este ano – segundo afirmam, ensaia os últimos repiques, as mais rítmicas bossas. O detalhe: a ausência do trombone. ‘Não sairemos de trombone desta feita’. – Realmente, a grande bossa da bateria de Estudantes é a introdução de

²⁷ Estudantes de São José gastará dez milhões no carnaval deste ano. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1965, p. 08. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²⁸ Saberé é da Pesada: Um samba sem compromisso. *Diário de Pernambuco*, 27 de janeiro de 1972, III Caderno, p. 01. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²⁹ Samba de Estudantes tem 120 batuqueiros este ano. *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1969, p. 01, II Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

guitarras elétricas, num ‘molho’ super da pesada, motivada muito mais embalo aos participantes.³⁰

É interessante destacar que a rivalidade entre as escolas, principalmente, Gigantes do Samba e Estudantes de São José, proporcionava que novos recursos fossem somados as apresentações das escolas na avenida. Procuravam introduzir determinadas ‘inovações’ que nem sempre foram bem aceitas na passarela. Mas, o objetivo era surpreender as suas congêneres e conquistar o almejado título de campeã do carnaval da cidade.

‘ESTUDANTES’ RECORREM À UMBANDA PARA GANHAR O TÍTULO.

A disputa entre as escolas de samba de 1ª categoria vai ser muito dura este ano e os dirigentes da Escola de Samba Estudantes de São José que recorreram à Umbanda, para ganharem o título de 1972, devem fazer um ensaio no dia 5, saindo a Escola, do terreiro da Federação dos Cultos Africanos, em Bebinho Salgado, conforme informou o presidente daquela entidade, babalorixá José Paiva de Oliveira. Para isso, o Snr. Waldeck Melo manteve demorada reunião com o babalorixá pai Paiva, quando ficou acertado que a Federação não se oporia a que o ensaio de rua fosse realizado partindo do terreiro, pois segundo alguns integrantes, os santos terão que proteger aos Estudantes de São José, ameaçados que estão pelas Escolas Gigantes do Samba, Império do Asfalto e até Limonil que em 1972 está bem organizada, disposta a desbancar os grandes do Carnaval de Pernambuco.³¹

XANGÔ NA PASSARELA

Agora a grande dica: 120 participantes do famoso ‘Xangô Pena Branca’, da Bahia, desfilarão pelo carnaval com a Escola de Samba Estudantes de São José. Aos poucos seus personagens vão chegando ao Recife (mais da metade já se encontra ente nós) e, sem dúvida alguma, será mais uma grande atração para o público que afluí ao QG (Quartel General) da Dantas Barreto. – Estudantes de São José vai apelar pro Xangô, a fim de derrotar Gigantes? ‘Não! Nada disso! A vinda do ‘Xangô Pena Branca’, da Bahia, consiste apenas em tentarmos oferecer sempre algo a mais’ – é o que nos informa outro destacado elemento da Escola. A verdade é que segundo se comenta, a ‘apelação’ para os ‘santos’, já teve início entre as escolas. Todos estão otimistas. O ensaio prossegue, ao som da tamborins, cuíca, atabaques, pandeiros, guitarras, ginga de mulatas, malabarismo de crioulos, que fazem misérias coreograficamente. Estudantes de São José é uma Escola que também vive do seu ‘livro-de-ouro’, que é passado de mão em mão, entre seus adeptos, angariando sempre uma melhor situação financeira. A escola sairá na segunda e terça-feira de carnaval para os desfiles às 19h lá do Pátio do Terço. [...] ³²

Na guerra do samba tudo era válido, não importava de onde viesse a ajuda, o que estava em jogo era ganhar o carnaval. E se para isso fosse necessário ‘evocar’ as forças sobrenaturais, elas eram evocadas. Havia (há) uma relação tênue entre os sambistas e o

³⁰ Estudantes do Samba entra de Guitarra e Xangô na passarela. *Diário da Noite*, 29 de janeiro de 1972, p. 03, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

³¹ Estudantes recorrem a Umbanda para ganhar o título. *Jornal do Commercio*, 18 de janeiro de 1972, p.12, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

³² Estudantes do Samba entra de Guitarra e Xangô na passarela. *Diário da Noite*, 29 de janeiro de 1972, p. 03, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE



Xangô, comumente algum orixá estava relacionado as escolas. No bairro de São José existia uma famosa mãe de santo, Badia, figura conhecida na cidade por suas relações com a religião, bem como com agremiações carnavalescas, entre elas, a própria Estudantes de São José.³³

Durante esses anos (1955-1972) inúmeros foram os sambas enredos cantados por Estudantes de São José, poderia destacar qualquer um, mas vou escolher um em especial, por acreditar ser singular dentro desse processo. O samba enredo “Brasil: glórias e tradições dos seus Estados” de 1972, da autoria de Waldeck Melo, uma vez que este foi uma clara demonstração de ‘louvação’ aos ideários do Regime da Ditadura Militar.

Brasil, teus Estados, tua história
Brasil, belo por natureza
Brasil, ó meu Brasil
És coberto de glórias,
Brasil, cheio de grandeza!
Brasil pra frente
Brasil avança (Bis)
Brasil terra da esperança!
Brasil, o progresso te chama
À frente nosso grande Presidente!
Salve a Transamazônica
Orgulho de nossa gente.
Brasil pra frente,
Brasil avança
Brasil, terra da esperança.

É interessante destacar que o governador do Estado de Pernambuco, Eraldo Gueiros, divulgou nos jornais que iria enviar ao Presidente Médici uma cópia do samba de Estudantes de São José, que tem visíveis passagens em alusão ao pensamento ideológico do regime da Ditadura Militar, lemas como ‘Pra frente Brasil’, ‘Brasil país do progresso’, ‘Avança Brasil’, entre outros, podem ser encontrados em versos da música.³⁴

ERALDO MANDA GRAVAÇÃO DE SAMBA PARA MÉDICI

O Governador Eraldo Gueiros enviará ao presidente Médici uma gravação contendo o samba-enredo da Escola Estudantes de São José, cujo tema é

³³ Sobre isso ver o artigo: COSTA, Manuel Nascimento. Candomblé e Carnaval, In: *Antologia do Carnaval do Recife*. MAIOR, Mário Souto & SILVA, Leonardo Dantas. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Centro de Estudos Folclóricos, 1980.

³⁴ **Sobre a relação do carnaval do Recife e a Ditadura Militar ver:** MELO, Diogo Barreto. *Brincantes do Silêncio: A atuação do Estado Ditatorial no Carnaval do Recife (1968 – 1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2011. **E a respeito dos diálogos entre o regime da Ditadura Militar no Brasil e as escolas de samba do Rio de Janeiro ver:** CRUZ, Tâmara Paola dos Santos. *As Escolas de Samba sob vigilância e censura na ditadura militar: Memórias e Esquecimentos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010. TAVARES, Luiz Edmundo & FREIXO, Adriano de. O Samba em tempos de ditadura: as transformações no universo das grandes escolas do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970, In: *Ditadura em Debate: Estado e Sociedade os anos do Autoritarismo*. FREIXO, Adriano de & MUNTEAL FILHO, Osvaldo (Orgs). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.



‘Glória e tradição dos Estados do Brasil’. ‘Estudantes’ conquistou, este ano, o título de campeã do carnaval, derrotando espetacularmente a sua rival ‘Gigante do Samba’. A Escola desfilou ostentando à frente do cortejo uma gigantesca fotografia do Presidente da República.³⁵

Ao criarem um samba enredo com esse tipo de postura, as escolas de samba, principalmente, Estudantes de São José, alcançavam certa visibilidade e atraíam para seu celeiro os olhares das autoridades políticas. E com isso conseguiam importantes aliados numa disputa por espaços numa sociedade marcada pela condenação dos intelectuais ao samba. É possível também, compreender essas manifestações culturais, enquanto lugar de disputas políticas, de vigilância e de censura durante o regime militar no Brasil.

Como procurei demonstrar os sambistas em Recife não contentaram-se com a situação de ‘excluídos da folia’, mas foram a luta, ‘arregaçaram as mangas’ e procuraram transformar aquele cenário hostil, tanto que durante os anos de 1970 e 1980, serão, segundo os jornais, ‘as grandes atrações da folia momesca recifense’.³⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O carnaval é uma festa plural! É impossível ter conhecimento de todos os diversos significados que os mais variados foliões atribuíram aos dias de folia durante o recorte temporal da pesquisa. Procurei na análise dos dias de folia um maior entendimento dos significados, das táticas e estratégias que os sambistas construíram nesses anos (1955-1972) para resistirem e driblarem as mais variadas situações que lhes apareceriam, principalmente, nos dias de carnaval. Tentei neste trabalho descortinar ao máximo as práticas ordinárias

³⁵ Gueiros vai mandar gravar samba-tema de Estudantes. *Diário da Noite*, p. 03, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

³⁶ Escolas de samba fizeram o sucesso da passarela. *Diário da Noite*, 12 de fevereiro de 1975, p. 06; O desfile das escolas de samba o foi o auge do carnaval. *Diário da Noite*, 12 de fevereiro de 1975, p. 01; Escolas de samba. *Diário da Noite*, 06 de fevereiro de 1975, p. 04; Frevo e samba. *Diário de Pernambuco*, 30 de abril de 1975, 2º caderno, p. 07; Frevo cede terreno para samba. *Diário de Pernambuco*, 06 de dezembro de 1975, 1º caderno, p. 03; Frevo morre: amorfina-se o povo pernambucano? *Diário de Pernambuco*, 26 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 05; Estado atual do frevo. *Diário de Pernambuco*, 29 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 12; Samba e frevo para animar o recifense. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1981, p. b9; Defesa do frevo, Paulo Fernando Craveiro. *Diário de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1981, p. A6; Um carnaval em declínio. *Jornal da Cidade*, 09 a 15 de fevereiro de 1975, p. 04; Urbanização e folclore. *Jornal da Cidade*, 23 de fevereiro a 01 de março de 1975, p. 04; O lugar do frevo. *Jornal da Cidade*, 09 de novembro a 15 de novembro de 1975, p. 03; Nascimento não quer a morte do frevo. *Jornal da Cidade*, 07 de dezembro a 13 de dezembro de 1975, p. 14; Carnaval sem frevo, mas com Bilu Tetéia. *Jornal da Cidade*, 08 de fevereiro a 14 de fevereiro de 1976, p. 13; Escolas de samba empolgam na passarela. *Jornal da Cidade*, 07 de março a 13 de março de 1976, p. 12; Capital do frevo? *Jornal da Cidade*, 07 de dezembro a 13 de dezembro de 1976, p. 07; Escolas de samba dão um show na terra do frevo. *Folha de Pernambuco*, 09 de fevereiro de 1989, p. 05; Disputa do frevo com o samba. *Folha de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1989, p. 01. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

desses sujeitos, levando em conta as atuações de variados grupos sociais, e suas relações muitas vezes conflituosas, como por exemplo, com a imprensa e parcela da intelectualidade local.

Nessa pesquisa busquei tornar mais inteligível as lutas cotidianas entre diversos projetos de controle simbólico sobre a festa carnavalesca. Procurei situar como aqueles alegres dias de momo não eram tão pacíficos e coloridos assim, e compreender que em torno deles havia as lutas, as batalhas, as disputas pelo cenário a ser construído para a folia. O discurso de ‘terra do frevo’ foi fruto de uma construção que encobriu inúmeras outras memórias. E é papel da história mexer com aquilo que é entendido como dado e natural.

Compreendi que o desfile das escolas de samba em Recife mostrou-se atrelado a inúmeros conflitos que foram silenciados em nome de uma história oficial. A imagem propalada do carnaval recifense como a ‘terra do frevo’ foi construída encobrendo inúmeras tensões. Procurei desmistificar essa autenticidade exclusivista, reducionista e por vezes cruel, que determina a morte de outras manifestações, consideradas sob este ângulo, como estrangeiras, desvirtuadoras de uma cultura local própria e ‘pura’.

Ao trazer a tona essas questões, evidenciando a história que foi invisualizada e ainda o entendimento que os sujeitos sociais que construíam o samba na capital pernambucana tinham da sua cidade e da sua prática cultural foram algumas das minhas propostas. E aqui se encontra uma das chaves desse estudo fazer com que essas experiências invisualizadas e suprimidas de parte da população no Recife reencontrem-se com a dimensão histórica da cidade. Que a história desses sujeitos sociais, dos sambistas que tanto lutavam pelo direito de exercer a sua prática cultural, pudesse emergir.

Compreendi esses sambistas, em sua maioria negros, como agentes construtores da sua própria história, sujeitos simples que por meio de suas *astúcias* driblavam as mais variadas situações do cotidiano, “os negros percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual – atributos negados pelo racismo moderno”³⁷.

Dando visibilidade as “*dobras*” desse processo, emergindo a história desses sambistas, desses *homens comuns*. Para que assim se possa construir outro horizonte historiográfico, apoiando-se na memória, em meio as subjetividades desses construtores de samba, mesmo essa memória não tendo íntima relação com a história regional instituída.

³⁷ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 40.



Hoje as escolas de samba não provocam mais a mesma atratividade que nos anos de 1960, 1970 e 1980. Entretanto, ainda são umas das maiores atrações do carnaval multicultural da cidade do Recife. O luxo, glamour e a ostentação das fantasias dessas agremiações ficaram no passado, mesmo assim, ainda é possível visualizar não só nos dias de folia, mas o ano todo, inúmeros foliões que se dedicam com garra aos desfiles das escolas de samba recifenses.

Diferente das suas congêneres cariocas, as escolas de samba recifenses não usufruem das mesmas condições de visibilidade, não contam com os altos valores para financiarem seus carnavais, tão pouco seus desfiles possuem o mesmo status de comercialização e espetacularização. Diferentemente como no Rio de Janeiro, em Recife não existe bicheiros, tampouco emissoras de televisão, ou mesmo, grandes empresas que patrocinem suas apresentações.

Como os sambistas mesmos me disseram: “fazer samba em Recife é muito difícil”, mas mesmo assim eles romperam, contrapuseram a dominação evidente que se apresentava. Não se comportaram como seres passivos e inertes, mas foram a luta e modificaram aquele cenário eminente de condenação e oposição intelectual. Se não contavam com o apoio da maioria da intelectualidade recifense, mas recebiam os aplausos dos foliões, que corriam para suas quadras lotando suas apresentações.

Diferentemente do que a intelectualidade estava pregando naqueles anos (1955-1972), parcela consistente dos foliões preferiu acorrer para a quadra das escolas de samba, mesmo quando parte dos intelectuais afirmavam que essas práticas culturais maculavam a “legítima tradição carnavalesca recifense”, ou seja, ao que parece naqueles alegres dias de folia os súditos de momo estavam construindo uma identidade carnavalesca diferente da almejada por parcela da intelectualidade local.

Ao se interpretar os conflitos e as tensões em torno da presença das escolas de samba na capital pernambucana é possível se compreender a própria cidade do Recife, talvez, não a Recife de Gilberto Freyre, de Joaquin Nabuco, Joaquin Inojosa, de João Cabral de Melo Neto, e tantos outros intelectuais que contaram essa cidade, mas a Recife de homens e mulheres simples, em sua maioria negros, habitantes dos morros, dos locais mais ermos e que parcela das elites dominantes procurou encobrir.

Procurei ver a cultura não como um campo de construção de harmonias e consensos, mas como um meio de efetivação de disputas e embates entre diferentes práticas e tradições que se digladiavam para serem legitimadas. Espero que os sinais, os rastros deixados por este



trabalho possam ser palco de outras análises e assim os sambistas recifenses possam ter suas histórias de vida devidamente narradas.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

COSTA, Manuel Nascimento. **Candomblé e Carnaval**, In: Antologia do Carnaval do Recife. MAIOR, Mário Souto & SILVA, Leonardo Dantas. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Centro de Estudos Folclóricos, 1980.

CRUZ, Tâmara Paola dos Santos. **As Escolas de Samba sob vigilância e censura na ditadura militar: Memórias e Esquecimentos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GUILLEN, Isabel C. M. **Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus-nação de Recife**, In: Cultura Afro-descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós. LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Recife: Bagaço, 2007.

GUILLEN, Isabel. C. M. **Catimbó: saberes e práticas em circulação no Nordeste dos anos de 1930-1940**, In: Cultura Afro descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós. LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Recife: Bagaço, 2007.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo história**. Recife, 1930-1945. Recife: Bagaço, 2008.

TAVARES, Luiz Edmundo & FREIXO, Adriano de. **O Samba em tempos de ditadura: as transformações no universo das grandes escolas do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970**, In: Ditadura em Debate: Estado e Sociedade os anos do Autoritarismo. FREIXO, Adriano de & MUNTEAL FILHO, Osvaldo (Orgs). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

